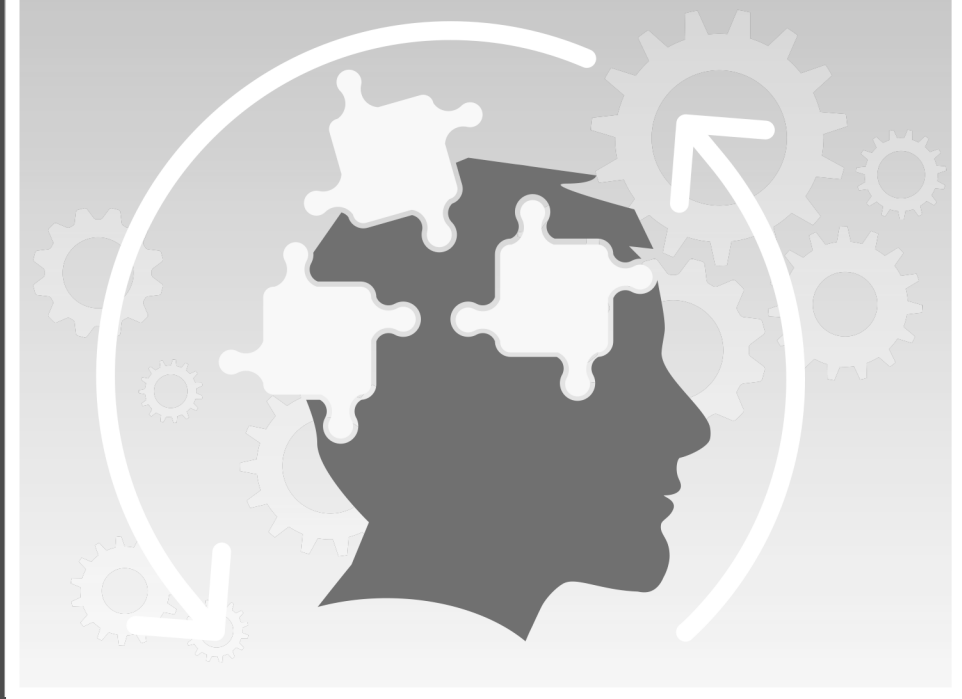


Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2020



Letras e Linguística:
Estrutura e
Funcionamento

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)


Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Prof^a Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Prof^a Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof^a Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Prof^a Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Prof^a Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Letras e linguística: estrutura e funcionamento

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Emely Guarez
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

L649 Letras e linguística [recurso eletrônico] : estrutura e funcionamento / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-453-5

DOI 10.22533/at.ed.535200210

1. Letras – Pesquisa. 2. Linguística. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de.

CDD 410

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em **LETRAS E LINGÜÍSTICA: ESTRUTURA E FUNCIONALISMO – VOL. I**, coletânea de dezenove capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, se faz presente discussões de temáticas que circundam a grande área das Letras a partir de diálogos com suas subáreas e demais áreas das Humanidades.

Temos, nesse primeiro volume, quatro grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações, nelas estão debates que circundam literatura, ensino e memória; outras artes; leitura e leituras do mundo; formação docente e escola.

Literatura, ensino e memória traz análises relevantes a partir de obras de Clarice Lispector, Patativa do Assaré, Cora Coralina, Manoel Barros, Edgar Allan Poe e Margaret Atwood. O ensino também é destacado, principalmente a partir dos processos de leitura e da concepção do letramento literário. É importante frisar também as cartas e os jornais como espaços, como suportes, relevantes para a difusão da literatura, da produção e da memória.

Em outras artes são verificadas tradução intersemiótica e leitura de obras cinematográficas.

Na leitura e leituras do mundo são encontradas questões relativas a leitura como instrumento de mudança de atitudes e imagens como textos que marcam diálogos, discursos.

Formação docente e escola enfatiza abordagens sobre processo reflexivo de ensino de língua materna, condições de trabalho dos professores, e ainda sobre criança e psicopatologia.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ESTRANGEIRISMO LISPECTOR A <i>ESCRITA FRATURADA DE CLARICE</i>	
Ademilson Filocreão Veiga Gilcilene Dias da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.5352002101	
CAPÍTULO 2	12
O PODER DIZER E O DEVER CALAR: O SILENCIAMENTO COMO INTERDIÇÃO DO DISCURSO EM <i>QUERÔ UMA REPORTAGEM MALDITA</i>	
Denise Aparecida de Paulo Ribeiro Leppos	
DOI 10.22533/at.ed.5352002102	
CAPÍTULO 3	23
A REPRESENTAÇÃO DO NORDESTINO E DO SERTÃO NA POESIA DE CORDEL DE PATATIVA DO ASSARÉ	
Marcos Antônio Fernandes dos Santos Asussena Noleto de Santana	
DOI 10.22533/at.ed.5352002103	
CAPÍTULO 4	33
A REPRESENTAÇÃO FEMININA E EXPRESSIVIDADE LÍRICA NAS PERSONAGENS DE CORA CORALINA	
Marta Bonach Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.5352002104	
CAPÍTULO 5	42
CENOGRAFIA E <i>ETHOS</i> DISCURSIVO NA NARRATIVA LITERÁRIA: UMA ANÁLISE DO CONTO <i>O BARRIL DE AMONTILLADO</i> , DE EDGAR ALLAN POE	
Rita de Cássia Dias Verdi Fumagalli Ernani Cesar de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.5352002105	
CAPÍTULO 6	61
A REESCRITA DA AMBIGUIDADE NARRATIVA: ESTUDO DE CASO DA TRADUÇÃO DE VULGO GRACE DE MARGARET ATWOOD	
Eliatan da Silva Pereira Juliana Cristina Salvadori	
DOI 10.22533/at.ed.5352002106	
CAPÍTULO 7	78
A POÉTICA DE MANOEL DE BARROS E OS DEVIRES DA LITERATURA: PERCURSOS CARTOGRÁFICOS NA ESCOLA BÁSICA	
Jônatas de Jesus Tavares Farias Gilcilene Dias da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.5352002107	

CAPÍTULO 8	90
LETRAMENTO LITERÁRIO E O ENSINO DIALÓGICO ATRAVÉS DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS	
Fádia Cristina Monteiro de Oliveira Silva Judivalda da Silva Brasil	
DOI 10.22533/at.ed.5352002108	
CAPÍTULO 9	104
LITERATURA E ENSINO: AS MÚLTIPLAS FACES DA LEITURA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES NO ENSINO MÉDIO	
Jesuino Arvelino Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.5352002109	
CAPÍTULO 10	116
MÁRIO MATOS: O MISSIVISTA MINEIRO SOB UMA OUTRA NOVA PERSPECTIVA	
Barbara Barros Gonçalves Pereira Nolasco	
DOI 10.22533/at.ed.53520021010	
CAPÍTULO 11	125
ESTAMOS TODOS SOB CENSURA: LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO ESCREVE A COSETTE DE ALENCAR	
Wagner Lopes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.53520021011	
CAPÍTULO 12	137
O JORNAL INSTITUCIONAL COMO INSTRUMENTO DE MEMÓRIA	
Edna Carvalho da Cunha Magnólia Rejane Andrade dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.53520021012	
CAPÍTULO 13	147
TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE DUAS AUDIODESCRIÇÕES DO CURTA-METRAGEM “VIDA MARIA”	
Isabeli Bovério dos Santos Leila Maria Gumushian Felipini	
DOI 10.22533/at.ed.53520021013	
CAPÍTULO 14	160
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDENTITÁRIAS DO PROFESSOR NAS OBRAS CINEMATOGRÁFICAS CLUBE DO IMPERADOR E O TRIUNFO	
Jaciara Stresser dos Santos Cláudia Maris Tullio	
DOI 10.22533/at.ed.53520021014	
CAPÍTULO 15	172
MUDANDO DE ATITUDE POR MEIO DA LEITURA	
Denise Rezende Mendes	

Diana Ramos de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.53520021015

CAPÍTULO 16..... 183

LENDO IMAGENS: INTERAÇÃO, DISCURSO & SABERES

Ana Virginia Gomes de Souza Pinto

Terezinha de Jesus Costa

DOI 10.22533/at.ed.53520021016

CAPÍTULO 17..... 194

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO REFLEXIVO NO ENSINO DA LÍNGUA
MATERNA E A FORMAÇÃO DOCENTE**

Ieda Márcia Donati Linck

Andréia Mainardi Contri

Viviane Teresinha Biacchi Brust

Fabiane da Silva Verissimo

DOI 10.22533/at.ed.53520021017

CAPÍTULO 18..... 206

**CONDIÇÕES DE TRABALHO DE SUJEITOS-PROFESSORES EM DIFERENTES
ESCOLAS: ANÁLISE DISCURSIVA**

Jéssica Vidal Damaceno

Filomena Elaine Paiva Assolini

DOI 10.22533/at.ed.53520021018

CAPÍTULO 19..... 217

A CRIANÇA PROBLEMA: DISCURSOS DISCIPLINARES E PSICOPATOLOGIA

Conrado Neves Sathler

DOI 10.22533/at.ed.53520021019

SOBRE O ORGANIZADOR..... 225

ÍNDICE REMISSIVO..... 226

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 04/09/2020

Denise Rezende Mendes

Universidade Católica de Petrópolis (UCP)
Petrópolis – Rio de Janeiro
Faculdade de Psicologia
ORCID: 0000-0002-0181-4722

Diana Ramos de Oliveira

Universidade Católica de Petrópolis (UCP)
Petrópolis – Rio de Janeiro
Faculdade de Psicologia
ORCID:0000-0001-7604-4825

RESUMO: No mundo pós-moderno que vivemos, os saberes se multiplicam em proporções exponenciais. No entanto, todas as descobertas/teorias têm como alvo o ser humano: o que nos aponta para a Psicologia da Cognição Social que se atem ao indivíduo na sua interação com o meio. Assim, ao objetivar um estudo pelas trilhas da interação texto *versus* leitor, estamos buscando entender, como as pessoas aprendem, estruturam, armazenam e usam os novos *inputs* a ponto de lhes mudar *attitudes*. Esse olhar está sob o arcabouço de teorias de Rodrigues, Assmar e Jablonsky (2016). O que se pretendeu, nessa presente pesquisa, foi confirmar o quanto somos influenciados pelo ambiente social e como a Cognição Social tenta explicar tais influências.

PALAVRAS-CHAVE: Atitude, Leitura, Leitor. Grupo Focal, Cognição Social.

ABSTRACT: In the post-modern world as we live, the knowledge is multiplied in exponential proportions. However, all discoveries/theories have the human being as the aim: this points us towards the Social Psychology with abides to the individual in his interaction with the social environment. In this sense, in order to objectify an study through the interaction with the text *versus* the reader, we intend to understand how people learn, store, and use the new inputs as the point of changing their attitudes. This glance is under the theory of Rodrigues, Assmar and Jablonsky (2016). What was intended in this presente research, was to confirm how we are influenced by the social ambient, and how the Social Cognition tries to explain such influences.

KEYWORDS: Attitude, Reading, Reader, Focus Group, Social Cognition.

1 | INTRODUÇÃO

Já de há muito que se visualiza a estreita relação entre sociedade e literatura. Por meio dessa visão, estudiosos explicitaram que toda forma de discurso está sempre voltada para a réplica do outro: é social. Essa prerrogativa tornou-se em uma excelente oportunidade para adquirir entendimento, na presente investigação, sobre o ato de ler sob a égide da Cognição Social (CS).

O ser humano é visto pela CS como aquele que interage com outros indivíduos. Assim, a CS estuda o modo como se percebe o mundo social – como atores e espectadores

– e do modo como se age na sociedade: formando e mudando atitudes (CHERRY, 2018). Kendra Cherry, assim, conduz-nos a refletir sobre o fato de que as *atitudes* são o resultado não somente das experiências, mas também da educação; e que esses fatores têm grande influência no comportamento. No entanto, embora as *atitudes* estejam arraigadas no indivíduo, elas podem mudar.

Por sua vez, Braghirolli, Bisi, Rizzon e Nicoletto (2016, p. 71) afirmam por *atitude* “a maneira de pensar, sentir e reagir a um determinado objeto (evento, coisa, pessoa, ideia)”; e que não importa como acontecem: de maneira positiva ou negativa; o que não muda é o fato de que são aprendidas – o que ratifica a assertiva de Cherry acima.

Importante recordar, nesse momento, que *atitude* e *comportamento* não querem dizer a mesma coisa. O viver diário imprime no ser humano a certeza de que nem sempre há coerência entre um e outro. Um exemplo de fácil entendimento é o do jovem que diz para a namorada que admira a futura sogra. A atitude desse rapaz traz em si uma questão de tempo porque somente o *comportamento* dele há de demonstrar se existe verdade na afirmativa inicial (BRAGHIOLLI *et al.*, 2016). Portanto, *atitude* é o que ele diz como verdade e *comportamento* é o que ele demonstrará no convívio diário.

Rodrigues, Assmar e Jablonsky (2016) apontam três componentes da *atitude* que atuam no individual. São estes: (1) *o componente cognitivo* composto pelos pensamentos, crenças; (2) *o componente afetivo* classificado como aquele que averigua o sentimento experienciado por meio do objeto, pessoa, questão ou evento e (3) *o componente comportamental*, que observa como a *atitude* influencia o comportamento. No tocante a esses três componentes, há o entendimento, desses estudiosos, de que se um desses elementos muda, os outros também sofrerão mudança. Portanto, a *atitude* é um objeto tridimensional: *cognitivo*, *afetivo* e *comportamental* de tal forma que a mudança de um só elemento levará, automaticamente, à reestruturação dos demais componentes.

Como qualquer movimento que envolva um novo proceder, há de se considerar que, pela trilha da afetividade, rejeições também acontecerão. Nesse escopo, Mead (2006) aborda a questão do *endogrupo* e do *exogrupo* com a intenção de pontuar a tarefa árdua que é a de listar situações nas quais possam acontecer a adesão de todos; pois as pessoas vão se agrupando conforme as suas escolhas, valores e, até mesmo, interesses. Da mesma forma, existe uma parte composta por indivíduos que é sensível à mensagem e outra que é insensível a ela. Na tentativa de uma síntese: “os efeitos da mensagem dependem do resultado do envolvimento. O envolvimento... aumenta a atividade cognitiva e a subsequente mudança de atitude... se os argumentos são coerentes.” (FISKE & TAYLOR, 2014, p. 265).

Relevante se faz ressaltar o pressuposto de Garfinkel e Goffman (citado por FORGAS, 1983) quando afirmam que a CS não tem a intenção de uniformizar os costumes porque os seres humanos não são apenas continuadores do que veem/ouvem por, simplesmente, se deixarem enredar por todos os *inputs* sociais. Pelo contrário. Como ainda aponta Forgas

(1983), a CS vê o homem e o seu *know-how*: avaliando os fatos, permitindo entender que, na interação entre os homens, o cognitivo vai sendo persuadido pelo grupo no qual habita.

Portanto, pode-se inferir que as *atitudes* são uma resultante das experiências e observações pessoais; e que podem ser apreendidas de várias formas, ficando evidenciado que o componente *afetivo* é o controlador das *atitudes* – como ratificam Mowen e Minor (2002) ao afirmarem que o *afeto* é o elemento que gerará a *atitude*, já que a quantidade da afeição destinada a um determinado objeto acarretará em juízo positivo ou negativo dele.

Foi, portanto, dentro desse jogo de sedução entre os componentes que se pautou essa pesquisa. Uma empreitada complexa quando o foco é a leitura, por se amalgamarem as crenças do leitor (vistas por ele como *verdadeiras*) e as do texto (vistas como *possibilidades*).

2 I PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa examinou como a Cognição Social afeta as *atitudes* através da leitura. Pautou-se em estudos já existentes, assim como em teorias contemporâneas. Os passos dados foram: formação de um Grupo Focal composto por universitários; gravação do encontro e a degravação de afirmações que fossem pertinentes ao objeto de estudo.

Quatro experimentos foram realizados, usando um texto com apenas quatro sentenças. Tal texto, da autoria de Sternberg (2010, p. 379), foi distribuído paulatinamente: uma sentença de cada vez para permitir que os participantes fossem inferindo possíveis seqüências:

(Primeira sentença) Susan se tornava cada vez mais ansiosa à medida que se preparava para o próximo exame de Ciências.

(Segunda sentença) Ela nunca havia elaborado um exame antes e não estava segura quanto ao modo de redigir um teste apropriado ao conhecimento dos alunos.

(Terceira sentença) Ela ficou particularmente aborrecida pelo fato de o diretor até lhe ter solicitado para que preparasse o exame.

(Quarta sentença) Mesmo durante uma greve de professores, não se esperaria que uma enfermeira da escola assumisse a tarefa de redigir um exame.

2.1 Instrumento

Na Segunda Grande Guerra surgiu o Grupo Focal (GF) que tinha como intuito o averiguar o quanto os programas de rádio – idealizados para elevar a autoestima dos soldados -, estavam surtindo efeito; e, tempos depois, começou a ser utilizado para especulações relativas a mercado. Foi na década de 1990 que tal instrumento passou a receber atenção dos investigadores sociais. Morgan (conforme BERG, 1998), afirma que esse instrumento é marcado pela interação entre os participantes – o que permite o acesso a elementos que seriam inviáveis sem a interação propiciada pelo grupo.

O objetivo da técnica GF, na presente pesquisa, foi o de observar as atitudes dos participantes ao longo da conversa baseada no texto acima de Sternberg. Quanto aos participantes, puderam inferir o quanto a cognição é influenciada pela interação social; assim como, a possibilidade da confirmação de que o ato de ler não contempla uma única maneira possível de entender um texto.

2.2 Participantes

A presente pesquisa, foi caracterizada como uma amostra por conveniência, constituída por alunos universitários do curso de Psicologia da Universidade Católica de Petrópolis (UCP). A colaboração e o voluntariado foram fatores importantes em todo o processo do desenvolvimento dessa pesquisa que teve início após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UCP, recebendo o comprovante de número: 129096/2017.

Imprescindível registrar que foram realizados três GFs (dois experimentais e um definitivo), buscando-se viabilizar a observância numérica de seis (06) a nove (09) participantes.

2.3 Resultados e Discussões

2.3.1 Experimento 1

Susan se tornava cada vez mais ansiosa à medida que se preparava para o próximo exame de Ciências.
--

A primeira sentença foi entregue aos participantes. Depois de lida, as interações foram acontecendo. A Moderadora (que nesse caso foi a própria pesquisadora dessa pesquisa), depois que todos os participantes haviam lido a sentença em questão, pediu para que falassem o que quisessem sobre o que haviam lido. Os participantes foram se manifestando e, no final, o que se inferiu foi que todos haviam se colocado no lugar de *Susan*. Assim, de imediato, a questão da empatia evidenciou-se. Tal característica remeteu ao componente afetivo preconizado por Rodrigues, Assmar e Jablonsky (2016).

O participante J se expressou assim: “Mesmo que eu me prepare muito... mesmo que eu saiba o conteúdo, eu tenho medo de que caia aquilo que eu não estudei... Ou ser cobrado por algo que eu não saiba... sei lá... eu sou muito ansioso...Susan me representa”. Nessa interação, encontrou-se a concordância com o apregoado pela CS, quando afirma que a leitura tem o poder de fusão entre o momento histórico do leitor, o seu mundo individual e a sua maneira de pensar, de se posicionar. Pôde-se inferir, assim, o quanto a leitura torna real o que não é; isto é, de uma história inventada, o participante J tornou real quando disse: “Susan me representa...”. *Susan*, então, passou a ser real porque ganhou características do leitor.

No observado acima, a questão de que para que haja mudança de atitude são necessários três componentes – o cognitivo, o afetivo e o comportamental (RODRIGUES *et al.*, 2016) –, podem ser constatados na declaração do participante J e assim representados:

- Cognitivo: “Acho que é por essa razão...”
- Afetivo: ... eu sou muito ansioso...
- Comportamental: ...mesmo que eu me prepare muito...”

Tomou-se a participação de J como exemplo, no entanto, outras interações poderiam ter sido usadas como amostra, como a do participante D: “.. talvez alguma coisa que vai testar a gente acaba deixando a gente cada vez mais ansioso...”.

2.3.2 Constatação 1

Os participantes foram se manifestando no término da leitura da primeira sentença e, no final, o que ficou evidenciado foi que todos haviam se colocado no lugar de *Susan*. Tal resultado confirmou o componente *afetivo*, preconizado por Rodrigues, Assmar, Jablonsky (2016).

2.3.3 Experimento 2

Ela nunca havia elaborado um exame antes e não estava segura quanto ao modo de redigir um teste apropriado ao conhecimento dos alunos.

Após a leitura da segunda sentença, o que se notou foi a demonstração de que a estrutura cognitiva dos participantes começou a se refinar, a ser acrescida do aprimoramento que leva o leitor, automaticamente, a incorporar conhecimento pelo viés da aceitação ou da negação do *input* recebido (LEFFA, 1996). O que ficou evidente, quando do primeiro contato com a nova sentença, foi o fato de os participantes se manifestarem surpresos – porque já não era mais o que haviam pensado anteriormente.

Ao descobrirem que *Susan* não iria fazer um teste, pelo contrário, ela iria aplicá-lo, aconteceu o avolumar de empatia, entre os participantes, *para com Susan*. Exemplos: o participante G se expressou assim: “Não era exatamente do jeito que eu pensava que ia ser...”; o C disse: “Essa frase me fez pensar que a ansiedade está dos dois lados da sala de aula: professor e aluno...”.

A leitura tem o poder de remexer os preceitos sedimentados no leitor e torná-los vulneráveis, suscetíveis à mudança. O que se pôde entender daquele momento, foi o quanto os universitários leram pela lente do momento no qual estavam vivendo: que é o de serem estudantes.

Ao começarem a arrefecer as interações, a Moderadora procurou provocar mais

deduções: “Todo mundo concorda que agora vocês tiveram uma segunda visão do texto?” Eles responderam que *sim*. Ao se portar assim, ela estava trazendo à luz o fato de que, mediados pela leitura, vai-se mudando de pensar.

Imperioso trazer de volta o que disse o participante D sobre a primeira sentença: “Sim, o professor se prepara para dar aula para gente... mas ele não sabe tudo... Tem coisas novas para ele também... Ou seja, ele fica ansioso igual a gente...” – para comparar com o que ele disse na interação sobre a segunda sentença do texto sobre *Susan*: “No meu caso, só reforçou o meu pensamento”, deixando claro que nada havia mudado com a leitura da segunda sentença. Ele continuava pensando a mesma coisa de antes. Dessa forma, ratificou-se a premissa de que uma mensagem pode ter diferentes recepções – já que os outros participantes haviam mudado de pensar motivados pela nova informação.

Objetivando-se apontar o componente afetivo que mediou claramente o cognitivo e o comportamental do participante D, é forçoso trazer de volta as afirmações dele:

- Cognitivo: “Sim, o professor se prepara para dar aula para gente...”
- Afetivo: mas ele não sabe tudo... Tem coisas novas para ele também...
- Comportamental: Ou seja, ele fica ansioso igual a gente....”

2.3.4 Constatação 2

O que se pôde entender, daquele momento, foi que o universitário D passou a ler através da lente do momento acadêmico no qual estava vivendo (ambiente de sala de aula: professor x aluno). O que traz à luz o movimento de mudança de comportamento, pois se na sentença 1 o foco era a “professora”, na segunda, passou a ser “professora x aluno”.

Após as várias conjecturas dos participantes sobre a segunda sentença, criou um clamor silencioso para que fosse feita a leitura da terceira sentença.

2.3.5 Experimento 3

Ela ficou particularmente aborrecida pelo fato de o diretor até lhe ter solicitado para que preparasse o exame.

O que seguiu à essa leitura foi um desequilíbrio cognitivo. Tal constatação se deu pelo fato de *cair por terra* o que parecia já estabelecido. Iser (1999) concentra a sua atenção no fato de que há momentos durante a leitura, que surge um vazio no texto. Esse momento acontece pela falta de entendimento do que se está lendo: tudo ia sendo compreendido até que chegam elementos novos que o leitor ainda não tem informação para poder entendê-los.

Foi o que aconteceu. A terceira sentença veio desarrumar o que parecia tão arrumado. Tal afirmativa encontra amparo em asserções como: “Eu não entendi muito bem...”, “Eu achei estranho ela ter ficado aborrecida porque eu achava que ela era uma professora (riso).”

Há que se observar a pontuação feita por G: “Parece que está fora de ordem... não sei... talvez se a terceira sentença fosse a segunda... talvez faria mais sentido...”. O que se pode perceber é que o texto não acontece de forma igual em todos os leitores. Nessa asserção, entende-se por meio da CS, que o entendimento da leitura será uma resultante do meio em que vive o leitor.

Depois do que disse G, registrado acima, aconteceram algumas interações, tais como:

C: “Hã... hã...”

J: “É verdade...”

Como se pôde observar acima, as interações sociais vão formando os atributos individuais, a identidade pessoal; os indivíduos vão tomando para si algum *input* que inferiram como verdade (“É verdade...”). É o *ser visto* pela CS – como aquele que interage com outros indivíduos (“Hã... Hã...”) – ficando evidente o quanto o indivíduo é influenciado pelo meio social.

Nesse ponto das considerações, torna-se imperativo pontuar que ao se referir ao *indivíduo*, não se faz pela métrica do behaviorismo: pelo fato de os seres humanos não serem apenas um estímulo e uma resposta. São, na verdade, um emaranhado de emoções, escolhas, meio social, meio familiar, profissão, intensões, realizações.

A CS ao apontar como se percebe o mundo social – como atores e espectadores, bem como a forma como se interpreta o comportamento pessoal e o dos outros – ela está interessada em como o indivíduo age na sociedade: formando e mudando atitudes.

Sob esse aspecto, como se pôde atentar, os participantes, armados dos arsenais linguísticos, afetivos e de *inputs* sociais e culturais, foram construindo o significado do que estavam lendo. Ratificou-se, portanto, que lemos dentro de um arcabouço social composto pelas conjunturas nas quais o leitor está inserido e, dentro das quais, é partícipe.

Esse terceiro momento abriga, também, interações valiosas para o campo da CS quando postula que ela não tem a intenção de padronizar normas sociais (FORGAS, 1983), antes, pelo contrário, tem a intenção de perceber que a pessoa é um somatório de sua vivência social. Tais vivências vão se aglutinando no indivíduo a ponto de lhe mudar as atitudes.

Momento oportuno para observar o que disseram alguns participantes no momento de interação sobre a terceira sentença:

J: “Eu achei estranho ela ter ficado aborrecida porque eu achava que ela fosse uma professora (riso)”.

D: “O fato dele ter solicitado dela preparar o exame...”

M: “E a temporalidade dessa frase: O professor *até*...”

Y: “Eu não entendi também . . . Como se ele tivesse pedido alguma outra coisa... não sei...”

Pode-se, com a interação acima, utilizar a teoria de Cherry (2017) quando essa estudiosa entende que a mudança de atitude pode se dar quando as pessoas se deixam ouvir e pensar sobre uma determinada mensagem.

Para tal empreitada, torna-se imperioso o volver para os pressupostos que foram expressos até aqui porque, se todo o burilar de conceitos teve como bandeira o leitor e a interação que ele faz com o texto a ponto de lhe mudar atitudes, entende-se que a peregrinação encontrou lugar de águas tranquilas nesse momento de interação. Que isso seja feito, então.

Se se observar com presteza, não haverá o que refutar que o participante D admitiu que estava firme no que pensava ao falar sobre a segunda sentença quando disse: “No meu caso, só reforçou o meu pensamento”. No entanto, ele que havia feito essa declaração, confessou ter ficado desorganizado cognitivamente com as novas informações advindas da terceira frase, ao confessar: “Ficou confuso...”.

Rodrigues *et al.* (2016) ajudam a entender o construto acima ao afirmarem que quando surge um novo *input*, capaz de invalidar o comportamento atual, acaba por criar contradição entre o que se sabe, o que se escolhe e o que se demonstra nos atos. Consequentemente, se acontece esse momento de inconsistência, isso se torna um denunciador de que o indivíduo está mudando de atitude frente à nova informação. É o que aconteceu com o participante D. Ele confessou estar *confuso*. Esse *estar confuso* nasceu do vazio, ainda que momentâneo, criado pela nova sentença. Para sair desse *vazio*, ele fez a seguinte projeção: “Porque (componente cognitivo) talvez (componente afetivo) essa não seja a função dela... (componente comportamental)”, - configurando mudança de atitude.

2.3.6 Constatação 3:

Essa é a parte da maior relevância nesse estudo, pois, ao se compreender que o texto se torna presença no indivíduo, descobre-se que o participante permitiu um desvelamento do significado – o que trouxesse para ele o equilíbrio. Portanto, ele não saiu o mesmo dessa leitura.

A Moderadora, então, perguntou se poderia ir para a quarta sentença. Pôde-se entender a permissão dada através de risos que denotavam uma expectativa crescente. À vista de tal permissão, a pedido da Mediadora, a leitura foi feita por todos os participantes em uníssono.

2.3.7 Experimento 4

Mesmo durante uma greve de professores, não se esperaria que uma enfermeira da escola assumisse a tarefa de redigir um exame.

Nas interações que seguiram à leitura da quarta e última sentença, o que ficou, de maneira inquestionável, foi que a CS, ao observar a pessoa sob a influência do seu espaço social, detecta-se que o quanto o indivíduo vai fazendo o seu juízo de valor. Por esse tino, o indivíduo vai regulando os *inputs* obtidos. Dessa disposição, nascem as atitudes que formarão as suas práticas sociais. E tal afirmativa fica confirmada na quarta sentença quando, em unanimidade, os participantes foram interagindo com interjeições/frases caracterizando que, naquele momento sim, era-lhes esclarecedora a real causa da ansiedade de *Susan*: “Hum...?”, “Ah...”, “Agora sim, tudo faz sentido...”, “Desvendou-se o mistério...”.

2.3.8 Constatação 4

Tais interações, colocadas acima, ratificam a nomenclatura, criada por Heráclito de Éfeso (450 a.C.), que é o *Devir*, porque é na *contradição* e na *contraposição* de conceitos que nascem novas ideias. Torna-se conveniente utilizar esse preceito heraclitoniano para a leitura: por ser esta um *vir a ser* no leitor. Tal alegoria intenciona ilustrar que é impossível entrar duas vezes no mesmo rio, pois, ao retornar, nem o rio nem o indivíduo serão mais os mesmos: o que ratifica o fato de que embora as *atitudes* sejam duradouras elas podem mudar.

Ao término da leitura da última sentença, a Moderadora, depois de tudo o que havia sido conversado sobre *Susan*, perguntou: “Alguém arriscaria uma definição do que significa ler?”. Os participantes foram se manifestando: “(Ler é) amadurecimento, experiência e aprendizado.”; “... toda leitura nos acrescenta algo...”, “muita coisa que a gente lê, a gente vive...”, “...é fundamental para que a gente evolua”, “(Na leitura)... acontece a transformação da gente...”, “ (A leitura é) Um conjunto de experiências que nos leva cada vez mais a aprender”.

3 | CONSIDERAÇÕES

A Cognição Social tem o seu foco em questões como por exemplo: “Como nós nos percebemos?”, “Como percebemos os outros?” (Fiske, S. T., & Taylor, S. E., 2014). Por tais questionamentos, coube apontar que os seres humanos não são feitos somente de duas substâncias diferentes como corpo e alma. São feitos também de processos mentais. Por esse veio, a leitura do texto sobre *Susan* não foi um exercício estático. Não o foi porque fez refletir, questionar. Tal entendimento se deu pela evidência de que o ato da leitura envolveu o conjunto de todos os conhecimentos dos integrantes do Grupo Focal.

Ao longo dessa caminhada, não há como negar o fato de que a leitura mostrou ser uma capacidade notável do homem. Também, não há como negar, que o contexto tem influência decisiva sobre o leitor/participante. Pôde-se detectar a mecânica do texto que passou pelo processo de comunicação com o leitor; passou, também, pela interação entre os participantes a ponto de acontecer mudança de pensar.

Há que se enfatizar que todas as leituras, sobre o texto de *Susan*, foram possíveis pela irrefutável interação existente entre texto e leitor; pela possibilidade que tiveram os participantes de preencher os vazios criados pelo texto, pela possibilidade de se tornarem, assim, coautores do texto em questão. Consequentemente, o que se tornou manifesto foi constatar que se vai lendo de acordo com os arsenais mentais que se possui, assim como também pelas experiências vividas ao longo da existência.

Irrefutável exemplo disso foi quando a Moderadora perguntou se havia acontecido alguma mudança de pensar durante as interações acontecidas no grupo. Puderam ser ouvidos testemunhos como: “... me ocorreu várias vezes...”, “Quando ele falou, eu passei a pensar diferente...”, “Eu também mudei o que eu havia pensado, na hora que J falou...”.

Nosso estudo passa longe de absolutizar qualquer conceito. Tal prerrogativa colocaria um ponto final no que ainda pede para ser avolumado, no que diz respeito à leitura e o seu poder. Se as pesquisas persistem, é porque as perguntas não são de respostas fáceis, ou de simples respostas. A cada momento é possível se deparar com novos pressupostos que vão ajudando a clarear o que se intenta entender nessa área de conhecimento. Esse fato acontece porque as coisas/objetos vão mudando de *fisionomia* ao longo do tempo – o que provoca carências de novos estudos em diversas áreas.

E por assim ser, cria-se a possibilidade de entender que “Há horizontes, mais horizontes, sempre mais horizontes além do último horizonte” (Monteiro Lobato).

REFERÊNCIAS

BERG, B. L. **Qualitative Research Methods for the Social Sciences**. MA (USA): Allyn & Bacon, 1988. 3 ed.

CHERRY, K. **Attitudes and behavior in Psychology**, 2018. Disponível em: <https://www.verywellmind.com/attitudes-how-they-form-change-shape-behavior-2795897>. Acesso em: mar. 2018.

FISKE, S. T., & Taylor, S. E. **Social cognition from brains to culture**. London: Sage, 2014.

FORGAS, J. P. What is social about social cognition? **British Journal of Social Psychology**, 1983, p.129-144. Doi:<https://doi.org/10.1111/j.2044-8309>.

ISER, W. **A interação entre texto e leitor**, 1999. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/220760796/ISER-Wolfgang-a-Interacao-Entre-Texto-e-Leitor-in-O-Ato-Da-Leitura>. Acesso em: abr 2017.

LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura**. Uma perspectiva psicolingüística. Porto Alegre: Sagra - D. C. Luzzatto, 1996.

MEAD, G. H. . **L'espirit, le soi et la société**, 2007. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00144252/>. Acesso em: 20 abr 2017.

MORGAN, D. Focus group as qualitative research. **Qualitative Research methods series**. London: Sage Publications, 1997.

MOWEN, J. C., & MINOR, M. **Comportamento do consumidor**. São Paulo: Pearson, 2002.

RODRIGUES, A., ASSMAR, E., & JABLONSKI, B. (2016). **Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2016.

STERNBERG, R. J. **Psicologia Cognitiva**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

C

Cartas 72, 117, 125, 126, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 136

Cenografia 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

Clarice Lispector 1, 3, 5, 6, 8, 11

Cora Coralina 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41

Criança 78, 79, 83, 86, 105, 109, 120, 152, 167, 183, 184, 185, 186, 189, 190, 193, 200, 217, 221

E

Edgar Allan Poe 42, 43, 49, 50

Ensino 5, 78, 79, 82, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 99, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 124, 125, 167, 169, 170, 171, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 211, 214, 215, 216, 225

Estrutura 2, 39, 93, 143, 176, 184, 196, 199, 200, 201

Ethos 42, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

F

Feminino 7, 10, 40, 154

Formação Docente 194

I

Identidade 4, 6, 24, 25, 36, 48, 70, 71, 107, 113, 124, 126, 131, 142, 145, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 178, 196, 221, 225

Interação 19, 47, 48, 91, 94, 106, 165, 167, 172, 174, 175, 177, 178, 179, 181, 183, 184, 185, 188, 202, 204, 205

J

Jornal 59, 119, 120, 127, 131, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 196

L

Leitura 3, 5, 19, 27, 36, 37, 46, 57, 58, 63, 77, 78, 82, 84, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 128, 139, 141, 151, 157, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 186, 188, 190, 191, 192, 195, 202, 205, 214, 222, 225

Letramento Literário 90, 103, 113, 114

Letras 2, 11, 32, 33, 34, 41, 59, 68, 77, 85, 103, 115, 116, 117, 119, 124, 125, 127, 130, 136, 160, 206, 216, 225

Língua Materna 110, 194, 196, 197, 198

Linguística 2, 15, 20, 22, 44, 59, 60, 69, 110, 150, 158, 183, 196, 197, 198, 202, 204, 209, 210, 225

Lírica 33, 34, 35, 37, 39, 40

Literatura 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 11, 19, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 42, 44, 45, 46, 50, 51, 52, 57, 59, 60, 61, 62, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 124, 126, 127, 128, 129, 135, 136, 172, 225

M

Manoel de Barros 78, 79, 80, 82, 83, 85, 87, 88

Margaret Atwood 61, 62, 67

Mário Matos 116, 117, 118, 119, 120, 122, 124

Memória 25, 34, 48, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 137, 138, 139, 141, 142, 145, 146, 161, 164, 169, 171, 191, 208, 209

N

Nordestino 23, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 153

P

Patativa do Assaré 23, 25, 27, 31, 32

Professor 83, 84, 93, 95, 98, 102, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 119, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 176, 177, 179, 201, 203, 206, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 225

Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 